

Globethics Repository



A literatura pode transformar a sociedade
[Literature can transform society]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	da Rocha, Jari Mauricio
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-14 21:04:30
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163028

A literatura pode transformar a sociedade

Entrevista com Jari Mauricio da Rocha



Para o professor Jari Mauricio da Rocha, as comemorações do centenário de nascimento de Erico Verissimo devem servir “para estimular a leitura de suas obras”. Nesse aspecto, o papel do professor é fundamental, pois por meio de sua motivação demonstram “a transformação que a leitura causa nele próprio”. E foi pela leitura de *Incidentes em Antares*, de Verissimo, na disciplina de Literatura VI, ministrada pelo padre Luiz Marobin, no curso de Letras da Unisinos, que Jari sentiu sua vida tomar novos rumos. “Sem saber, tinha acabado de iniciar minha missão de contador de histórias”, destaca.

Em São Leopoldo, onde Jari leciona no Instituto Dimensão de Ensino (IDE) e no Colégio e Pré-Vestibular Pvsinos (PVS), diversas atividades culturais marcam a data. O professor atua, também, como coordenador de Literatura da Secretaria de Cultura de São Leopoldo e ministra palestras sobre “contação de histórias”, poesia em sala de aula

e Erico Verissimo. No **Seminário Erico Verissimo**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a graduação de Letras e os PPGs em História e Educação da universidade, Jari fará a leitura de textos do autor na abertura das atividades dos dias 13 e 14 de setembro, às 8h50min e às 19h35min.

Jari é graduado em Letras pela Unisinos, com monografia intitulada *Incidente em Antares: um híbrido da televisão*, e mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com a dissertação *A história fascista de Portugal e a ficção irônica e humorística em José Martins Garcia: a guerra colonial no romance Lugar de massacre*. Leia, a seguir, a entrevista concedida pelo professor via e-mail.

IHU On-Line – O que o senhor mais destacaria na adaptação televisiva da obra *Incidente em Antares*?

Jari Mauricio da Rocha - O romance que virou tema da monografia de final de curso foi determinante na minha carreira de professor. Em primeiro lugar, pela própria leitura de *Incidente em Antares* para a disciplina Literatura VI (na época, Literatura Rio-grandense) com o professor Pe. Marobin²². Depois dessa leitura, nunca mais fui o mesmo. Eu tinha como tarefa apresentar em aula a referida obra — foi a primeira aula da minha vida. Um dia após a apresentação, encontrei o Pe. Marobin nos corredores da universidade. Ele disse exatamente isto: “Deste um espetáculo

ontem. Tu és um professor nato”. Àquelas alturas, eu não tinha a menor certeza de que um dia viria a ser professor, embora cursasse Letras, pois meu caminho apontava para um lado completamente diferente. Comentei com meu professor de Língua e Literatura Latinas, o inspirador Lauro Dick²³, que me disse que aquilo poderia ser determinante na minha vida. E foi. Além de sentir-me incentivado, percebi a importância da oralidade da literatura. Sem saber, tinha acabado de iniciar minha missão de contador de histórias. Naqueles dias que se seguiram, muitos colegas, que

²² Conferir nota de rodapé anteriormente escrita sobre o Pe. Luiz Marobin. (Nota da **IHU On-Line**)

²³ Lauro Dick é professor nas Ciências da Comunicação da Unisinos. Ele apresentou o IHU Idéias de 15 de agosto de 2002, com o título *O mundo do trabalho a partir do *Germinal*, de Émile Zola*. (Nota da **IHU On-Line**)

não tinham lido o romance, me procuraram para dizer que depois da minha aula resolveram lê-lo. Foi aí que pensei na “contação de histórias” e em outras formas de reprodução como estímulo à leitura. A minissérie de *Incidente em Antares* estava para estrear na televisão. Gravei todos os capítulos para poder analisá-los. Após esse processo, a sensação foi de frustração, pois não tinha imaginado que a mesma obra que tanto tinha me impressionado e me aproximado do Erico Verissimo, ao transformar-se em imagem em movimento, não passaria de um produto para ser consumido por meio de uma linguagem facilitada e cheia de clichês inerentes à cultura de massa. Percebo hoje que segui uma linha natural de questionamentos sobre a grande tendência — confirmada agora — de transformar obras de arte em produtos facilmente consumíveis. Esse, acredito, foi, de fato, o ponto fundamental de *Incidente em Antares: Um híbrido da televisão*. A discussão era bem-vinda, e ainda é. Naquelas eras, achei que a reprodução televisiva não tinha cumprido com o papel de incentivo ao processo da leitura. Claro que me disseram que a função não era essa, que, ao menos, a obra estava se tornando popular no país inteiro, etc. e tal. Mas isso não me convencia, pois achava que, por tratar-se de um país de não-leitores, o bem maior deveria prevalecer. Ingenuidades de um jovem formando. É certo que hoje eu estabeleceria outros parâmetros, porque passados tantos anos, o acúmulo de leituras e a confirmação da tendência referida possibilitam melhores condições de análise. Mas, hoje também tenho a convicção de que se trata de duas coisas completamente distintas, mesmo que se mantenha o mesmo título e diga-se: adaptado da obra de fulano de tal. Como se pode perceber, o assunto não perdeu seu prazo de validade.

IHU On-Line - Outras criações de Verissimo transcenderam os livros e foram adaptadas para cinema e televisão. Como caracterizaria a obra de Verissimo nesses novos formatos?

Jari Mauricio da Rocha - Acredito que *O tempo e o vento* tenha sido uma reprodução aprazível. Há interpretações impagáveis como a de Tarcisio Meira interpretando o capitão Rodrigo. Ele consegue ser fiel e recriar ao mesmo tempo, é sem dúvida uma habilidade particular de representar, ao menos em épicos ou filmes históricos. Outro destaque é o patriarca Licurgo Terra Cambará, interpretado pelo ator Armando Bogus - é perfeito. Neste caso específico, há um resultado positivo. Embora tenha sido dirigida pelo mesmo diretor, Paulo José, há escolhas e recriações interessantes nessa minissérie, o que não ocorre em *Incidente em Antares*.

IHU On-Line - Acredita que a literatura possa influenciar na transformação social, especificamente no caso dos livros de Verissimo no Rio Grande do Sul?

Jari Mauricio da Rocha - É no que mais acredito. Que a literatura, de fato, pode ser um fator de transformação da sociedade. Pela leitura de um romance, ou um conto, ou um poema, não importa, temos condições de nos projetarmos em situações pelas quais possivelmente passaremos. Podemos treinar por meio da simulação de situações recorrentes da vida do ser humano. A literatura, pelo seu poder de representação da vida, pode e deve ser um parâmetro a ser considerado em nossos momentos de crise. Ao mesmo tempo, quando conseguimos inserir o vírus transformador da leitura em jovens, possibilitamos, a custo baixíssimo, o auto-aperfeiçoamento e a possibilidade de fazerem ver-se no mundo que os cerca.

IHU On-Line - Como percebe a simbologia da instituição família na obra de Erico Verissimo?

Jari Mauricio da Rocha - No caso de Erico Verissimo, há um viés curioso que gosto de ressaltar em *O Tempo e o Vento*. A trilogia estabelece curiosas circularidades. No decorrer das três partes, *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*, alguns símbolos alternam-se para manterem uma espécie de

coerência temática na narrativa. Há, por exemplo, o punhal de prata roubado do padre Alonso por Pedro Missioneiro, que ultrapassará as três partes, os sete tomos e os dois séculos de história, cuja saga, das famílias Terra e Cambará estabelecerá os paradigmas da formação dos povos sulinos por meio de suas guerras, sua sobrevivência em terra tão insalubre, e, por fim, de sua barbárie. A dicotomia barbárie e civilidade são esclarecedoras no romance. Por intenção ou por acaso, há um certo descobrimento das aparências que se estabeleceram no decorrer da formação do estado do Rio Grande do Sul, o que parece hostil e bárbaro é o estranho, portanto perigoso. Por outro lado, o que é visto como familiar, com endereço fixo, parece ser civilizado. Mero engano. Os vários forasteiros que chegaram àquela vida pacata são vistos pelos olhos locais com desconfiança. É como se representassem o perigo, a imprevisibilidade instintiva dos inumanos, a incompreensão do viver comunitário e a falta de códigos mínimos estabelecidos por qualquer sociedade. No entanto, são os seres locais que são brutos, preconceituosos, analfabetos e cometem crimes.

Pedro Missioneiro é o primeiro exemplo: “*Aos poucos o mestiço ia se fazendo útil*”. (VERISSIMO, 1972, p.84) Ao contrário de toda a família Terra, Pedro Missioneiro sabia ler, sabia tocar, conhecia histórias, inventava outras e tinha conhecimento de coisas que aquelas pessoas isoladas naquele fim de mundo jamais imaginariam. Os Terra eram brutos em todos os aspectos, pois foram capazes, inclusive, de assassinar o próprio Pedro Missioneiro, por simplesmente não terem qualquer outro paradigma que estabelecesse alguma lógica entre o ocorrido — a gravidez de Ana — e a atitude a ser tomada. A única resposta que tinham para a questão era o extermínio. Ana também foi condenada a uma espécie de morte, principalmente para o pai, talvez porque era ele quem tinha que dar exemplo. No capítulo *Um certo capitão Rodrigo*, acontece novamente a chegada de um

forasteiro que representa problemas. Esse preconceito está presente ainda duas gerações depois. Na fala de Pedro Terra, isso fica explícito: “*Esse homem não é trigo limpo*” (p.247). O mesmo ocorre à forasteira Luzia. Só não é impedida de casar-se com Bolívar — ao contrário, é incentivada — porque tem dinheiro e será dona das terras que um dia foram do pai de Bibiana. Mas Luzia é educada, é letrada e sabe música, assim como o capitão Rodrigo e Pedro Missioneiro, ao contrário dos personagens residentes em Santa Fé. Por fim, é considerada louca.

O resultado dessas interferências *externas* começa a aparecer a partir de Licurgo Terra Cambará. Há uma mudança nessa lógica, é como se a família, depois de tantas influências, tivesse sofrido um processo de aculturação. Os filhos de Licurgo, Toríbio e Rodrigo, são leitores assíduos e representam uma certa universalidade. Principalmente, é claro, o doutor Rodrigo, que, além de médico, é um intelectual. Mesmo assim, a marca da barbárie não está de todo ausente. Há o caso de Toni Weber, cujo suicídio se deve visivelmente a este homem que detém o poder econômico. A família forasteira é destituída de seu valor real, em razão do dinheiro, ou da falta dele. Há três marcas simbólicas, fortes e transformadoras na trajetória da família Terra. A primeira ocorre no início, por intermédio de Pedro Missioneiro, esta mudança não aparece em seu filho. Pedro Terra é parecido com Maneco, seu avô. Mas o índio deixa o punhal como herança, para que não esqueçam que o homem é reprimido pelo homem, e que há sempre dois lados, no caso do punhal, o lado do reprimido. A segunda marca ocorre com a chegada do capitão Rodrigo, pelo nome, que passará para Terra Cambará. Além disso, há também um traço característico da personalidade do capitão Rodrigo que passará aos seus descendentes. Por fim, a última marca, o dinheiro de Luzia, que estabelecerá uma outra possibilidade de civilização para a família Terra.

Essas três causas aparecem ainda na primeira parte do romance, porém há uma extensão das suas conseqüências até o último tomo da trilogia. O punhal de Pedro Missioneiro estará na mão de Eduardo, o

nome Cambará estará em todos descendentes do capitão Rodrigo, assim como o seu gênio. A riqueza também será conservada. O sobrado será o símbolo.

Um homem de posições claras e honestas



Entrevista com Moacyr Scliar

“A lâmpada metafórica de que fala Erico é a lâmpada das idéias avançadas, do esclarecimento, da busca incansável da verdade. Com isso, ele mostrava que um escritor também pode se posicionar como intelectual, como alguém que interpreta o seu tempo e toma posições claras e honestas”. Assim o escritor gaúcho Moacyr Scliar avalia a importância da literatura na compreensão do mundo à luz das idéias, comentando a frase em que Verissimo afirma que “O mínimo que um escritor pode fazer em uma época como a nossa é acender a sua lâmpada”.

E a atualidade de Verissimo continua viva não só no Rio Grande do Sul, mas no Brasil, acredita Scliar. Na entrevista concedida via e-mail à **IHU On-Line**, Scliar enfatiza que Erico continua “sendo um grande escritor, alguém que sabia contar uma história como poucos e que falava de valores permanentes, não transitórios”.

Moacyr Scliar é graduado em Medicina pela UFRGS. Tem pós-graduação em Medicina em Israel, conferida no ano de 1970. É doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública e lecionou como professor visitante na Brown University (Department of Portuguese and Brazilian Studies), em 1993, e na Universidade do Texas, em Austin. Seu primeiro livro, *Histórias de um médico em formação*, foi publicado no ano de sua formatura. A partir daí, não parou mais. São 67 obras abrangendo o romance, a crônica, o conto, a literatura infantil e ensaios – todos marcadas pelo imaginário fantástico e pela investigação da tradição judaico-cristã. Alguns foram publicados na Inglaterra, na Rússia, na República Tcheca, na Eslováquia, na Suécia, na Noruega, na França, na Alemanha, em Israel, nos Estados Unidos, na Holanda, na Espanha e em Portugal, entre outros países. Colabora com diversos dos principais meios de comunicação da mídia impressa (*Folha de S. Paulo* e *Zero Hora*). Alguns de seus textos foram adaptados para o cinema, teatro e tevê. Em 31 de julho de 2003, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, cadeira nº 31, ocupada, até março de 2003, por Geraldo França de Lima.

IHU On-Line - Que possíveis interpretações e sentidos poderiam ser dados, na atual situação brasileira, à frase de

Verissimo: “O mínimo que um escritor pode fazer em uma época como a nossa é acender a sua lâmpada”?